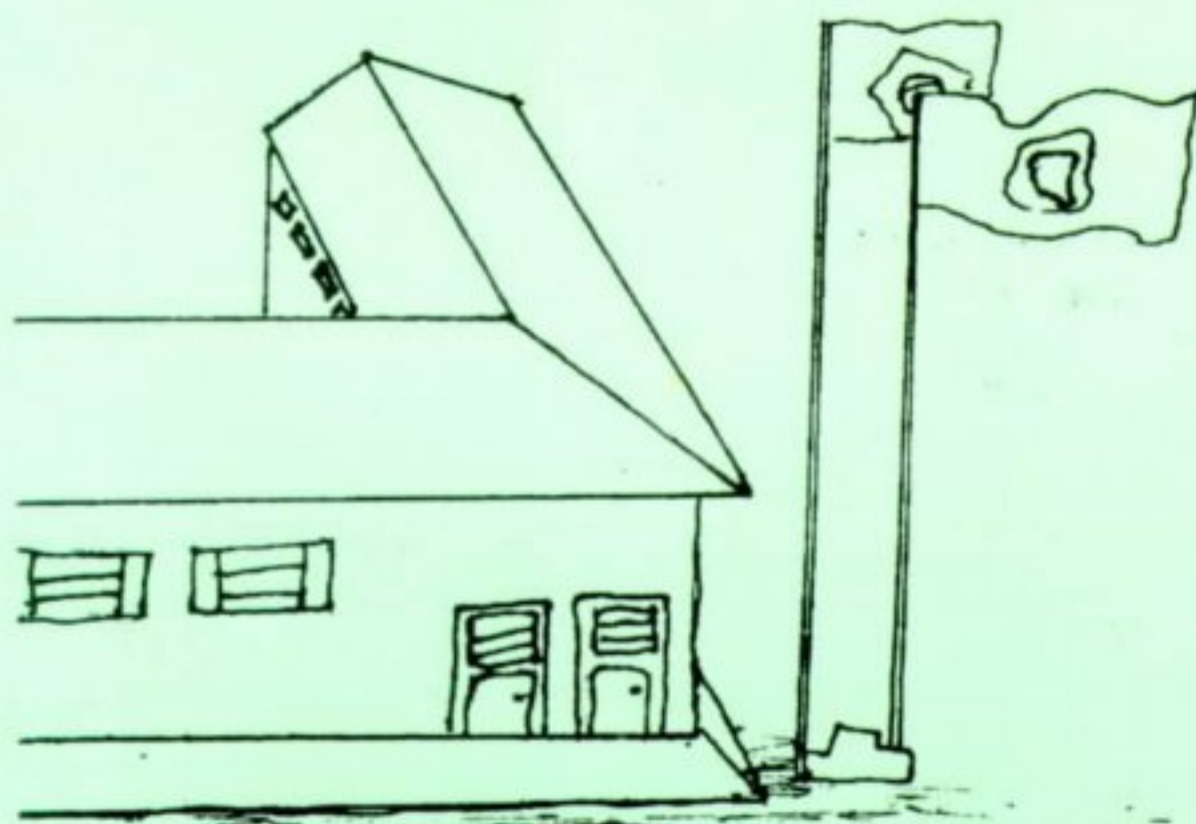


A HISTÓRIA DE UMA LUTA DE TODOS

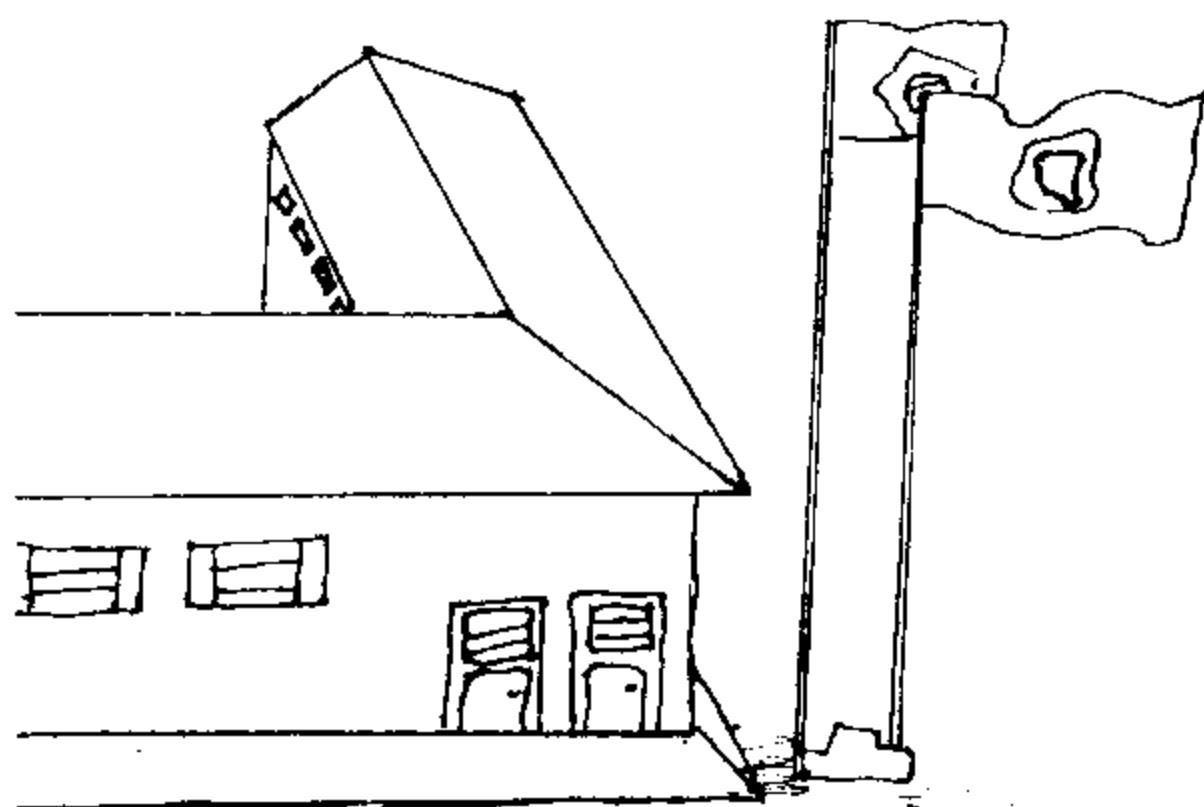
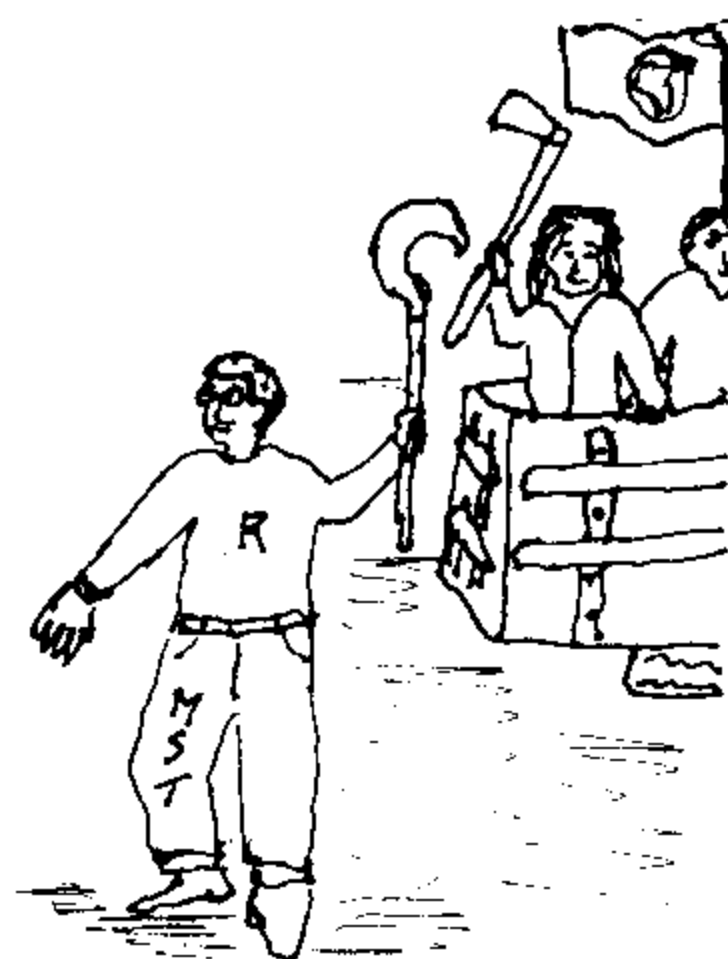


Coleção
Fazendo
História N° 3



Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

A HISTÓRIA DE UMA LUTA DE TODOS



Coleção
Fazendo
História Nº 3



Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

*Quem sentou na varanda
E olhou para a tarde
Certamente se lembra
do sonho de ontem,
Quem saiu pela porta
E seguiu o caminho
Vislumbrou certamente
O novo horizonte,
Os caminhos se abrem
Com o cheiro dos sonhos.*

- Zé Pinto -

APRESENTAÇÃO

Quando se fala em Uma Escola Diferente, em educar para a realidade, podemos nos perguntar, como fazer isso?

Nesta cartilha estão os frutos da escola diferente. Crianças resgatando sua história, cultivando suas raízes, trabalhando a cooperação, fazendo-se verdadeiros cidadãos. Professores doando-se na difícil e sublime tarefa de educar.

Lendo esta pequena cartilha, produzida pelos alunos de nossa escola confesso, senti-me emocionada e gratificada.

Emocionada por ver trazida à tona a história de nossas vidas. História de amor, luta, coragem e solidariedade.

Gratificada por ver que nossa luta não foi em vão, nossos filhos assimilaram tudo isso, continuam fiéis aos nossos valores e acima de tudo estão se tornando cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades e direitos.

A história de Uma Luta de Todos é realmente a nossa vida.

Esperamos sinceramente contribuir para que as pessoas possam conhecer a nossa verdadeira história e o nosso modo de vida.

Teresinha Cornelli

Júlio de Castilhos, Novembro 1996

*... fico com a pureza
de resposta da cças
é a vida, é bonita e
é bonita...*

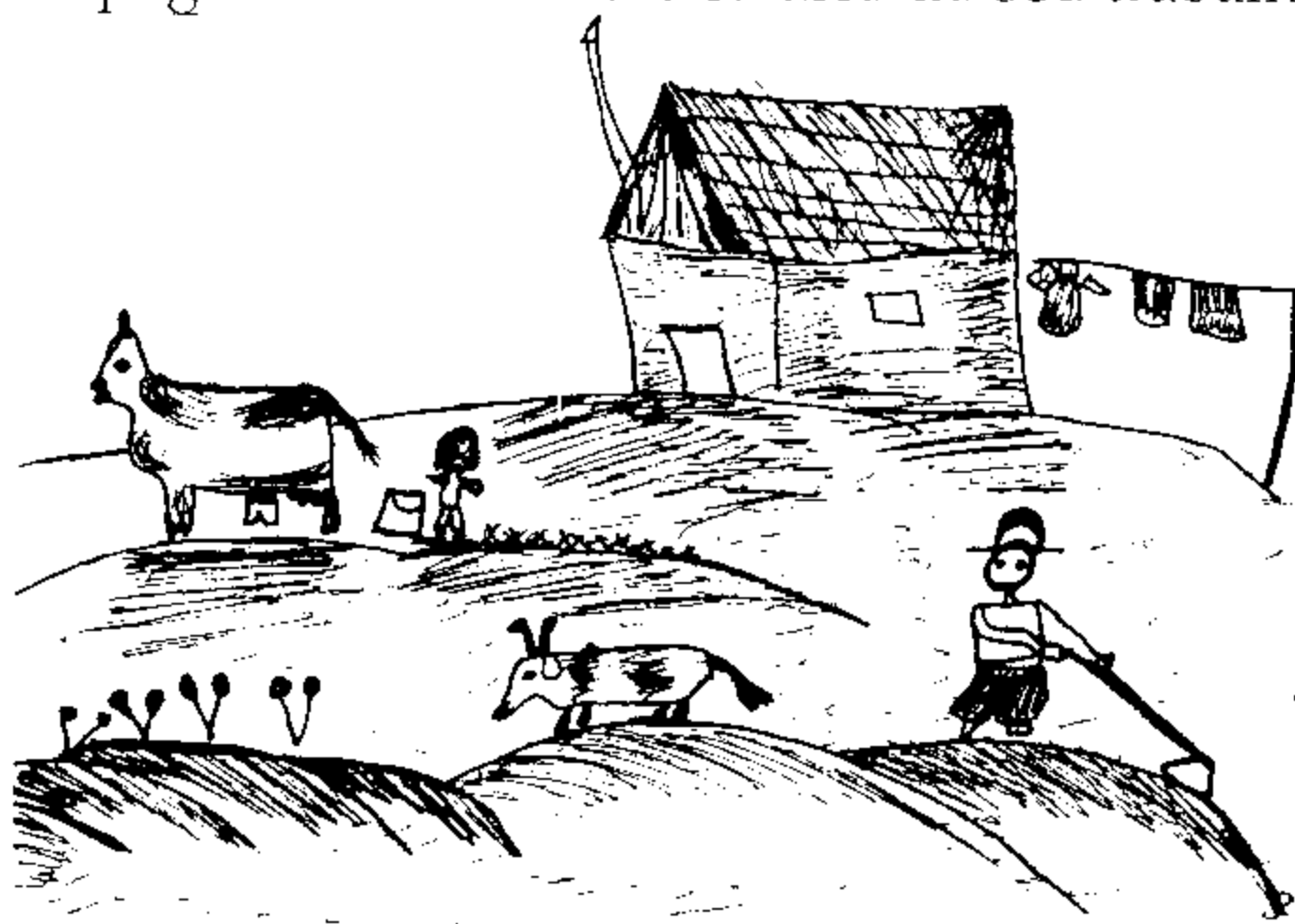
Gonzaguinha

A VIDA ANTES DO ACAMPAMENTO...

Como os Pequenos Agricultores viviam:

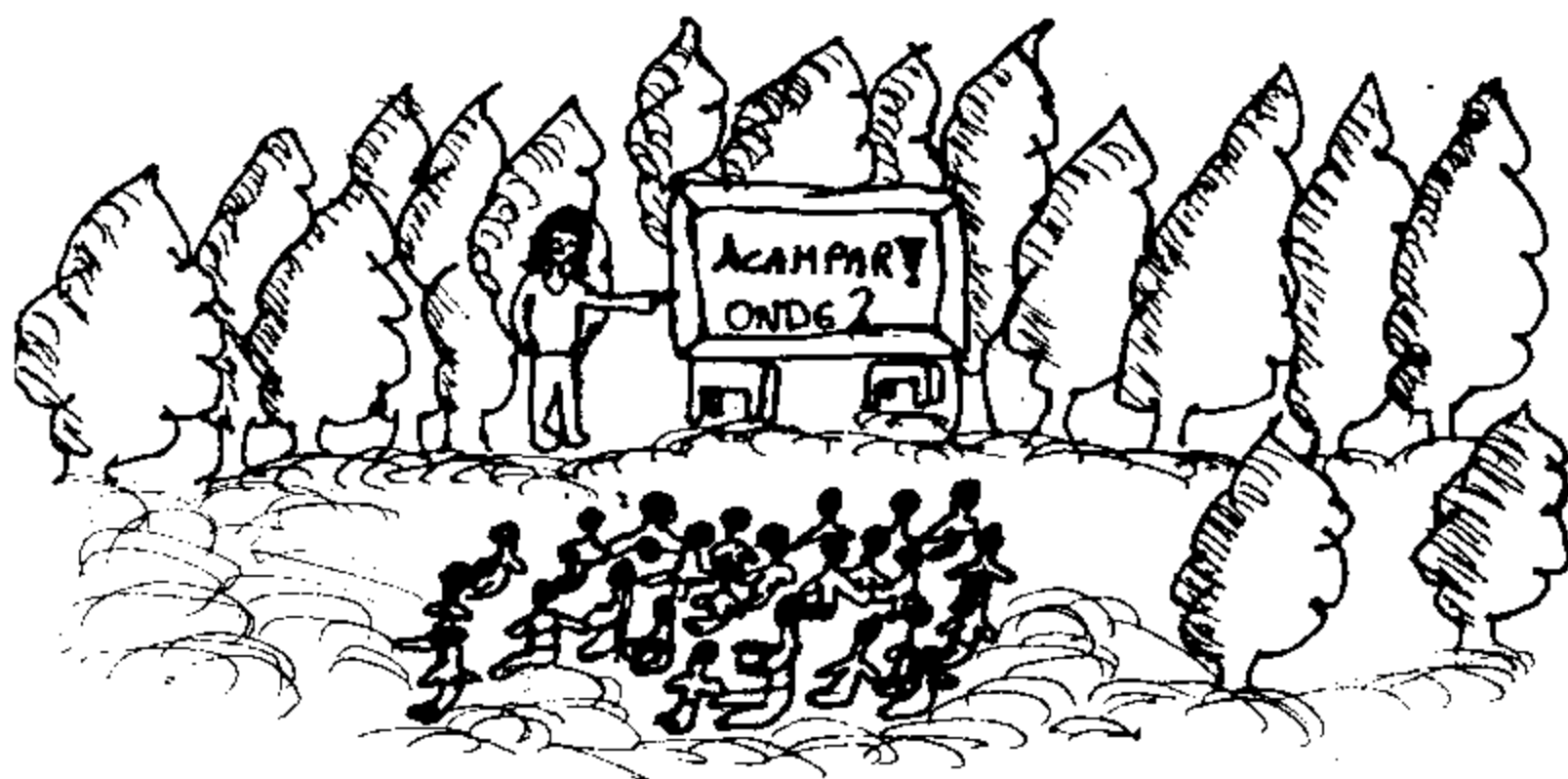
Eles viviam em granjas, fazendas, trabalhando de empregados ou trabalhando com os pais. Eles faziam de tudo: cuidavam do gado, preparavam a terra para o plantio, plantavam, limpavam e colhiam, e no final da colheita a menor parte ficava para eles e a maior para o patrão. As terras tinham diversas formas: morro, planície, planalto, serra. Onde era morros e serras dificultava o trabalho dos agricultores, porque a única maneira de preparar a terra era através de bois, burros e arados. Onde era planície e planaltos não era tão difícil por que trabalhavam com tratores. Às vezes arriscavam perder a plantação por causa do clima e das pragas.

Algumas famílias viviam na cidade, no meio da corrupção, vivendo em favelas, tendo que conviver com traficantes e drogados. Tendo que pagar luz água, aluguel, alimentação, escola... e tudo isso pago com um mísero salário do seu trabalho diário.



Aquela vida estava sofrida, tanto no campo como na idade. No campo a vida era difícil porque só ganhavam uma pequena parte da produção e dava apenas para a alimentação.

Na cidade eles sofriam muito porque ganhavam um mísero salário que não dava nem para as compras do mês.



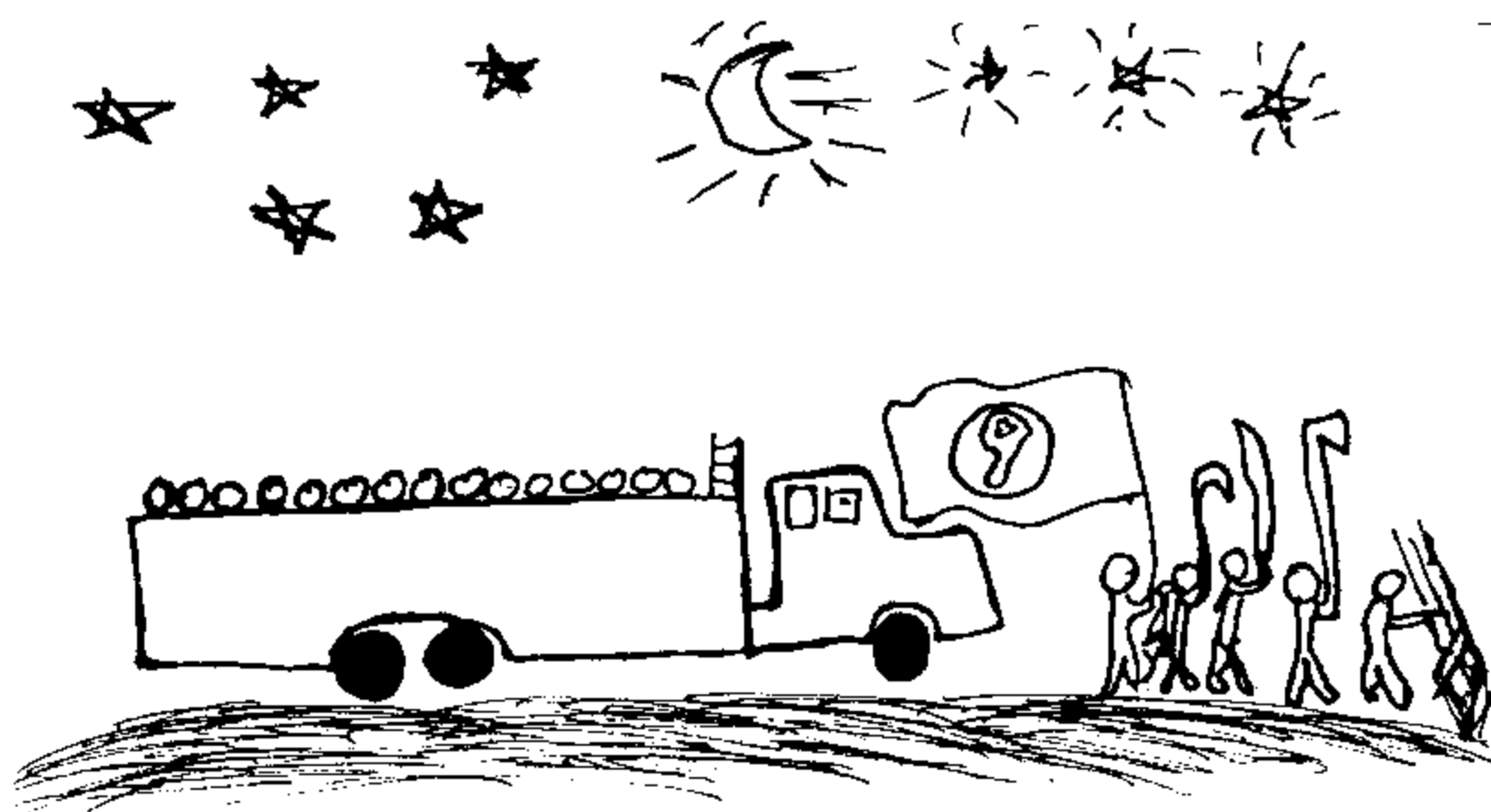
Nossos pais estavam cansados daquela vida e começaram a se organizar nas comunidades para ver o que iam fazer. Fizeram assembléias, reuniões...

Pessoas ligadas ao Movimento Sem Terra, como a CPT (Comissão Pastoral da Terra) igrejas, sindicatos, começaram a trabalhar nas comunidades organizando as famílias que queriam ir para a luta, para conseguir o seu pedaço de terra. Quem estava disposto a lutar pela terra era cadastrado e eram avisados algumas horas antes, porque tinham medo que a informação vazasse.

A VIDA NO ACAMPAMENTO...

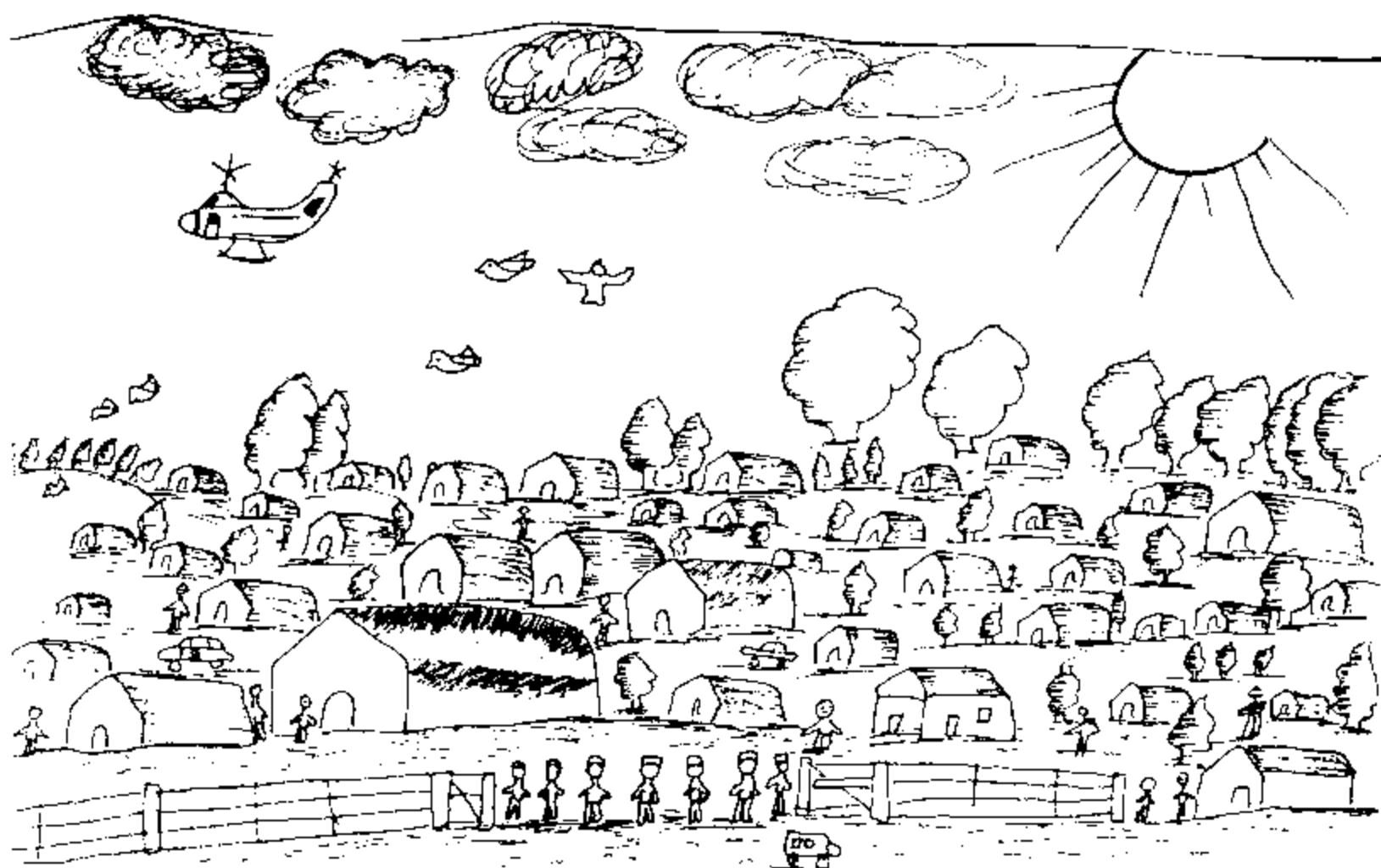
Na noite do dia 29 de outubro de 1985, cerca de duas mil (2.000) famílias de agricultores sem terra vindos de 33 municípios do Rio Grande do Sul ocupam as terras improdutivas da fazenda Annoni de 9.200 hectares entre os municípios de Ronda Alta e Sarandi. Na chegada da fazenda Annoni algumas famílias ficaram presas na barreira da polícia, foi a sorte as outras famílias que conseguiram entrar na fazenda por meio de matas e banhados...

No dia da ocupação nossas famílias estavam lá, lutando por um pedaço de chão, iniciando nossa luta pela vida. Nós achávamos que depois que conquistássemos a terra a luta terminaria, mas estávamos enganados, porque a luta continua...



A organização do acampamento era feita através de núcleos, que tinha um líder e tudo era decidido em assembléia. Com essa ocupação repentina, foi levado mantimentos para apenas um mês, achando que dentro deste tempo a terra seria conquistada. Mas isso não aconteceu, o tempo foi passando e a vida no acampamento ficava mais difícil.

As nossas maiores dificuldades no acampamento era a falta de alimentos, a saúde precária, a falta de leite para as crianças, a falta de vestuário, falta de produtos higiênicos, a falta de água e principalmente o desinteresse do governo com a nossa situação. A pesar das dificuldades no acampamento, nós recebíamos apoio das comunidades vizinhas e principalmente de nossos parentes, isso ajudava a nos manter no acampamento.



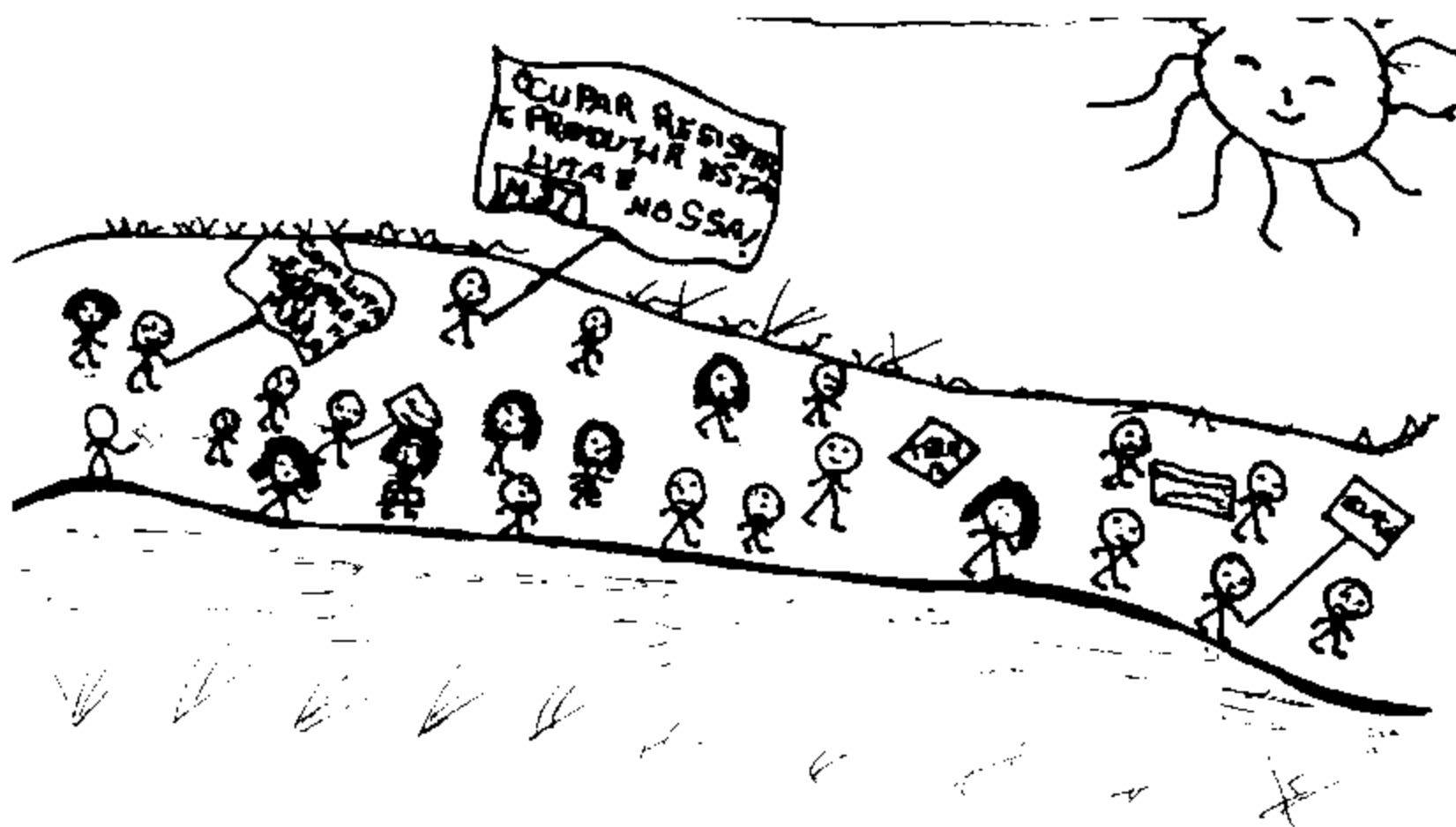
A organização escolar do acampamento era muito boa, porque dentro de um mês nós crianças, já estudávamos numa escola de madeira feita por nossos próprios pais e com professores do acampamento. Nossas brincadeiras no acampamento eram várias; nós brincávamos de casinha, carrinho, de casamento, na chuva, jogávamos futebol, jogando bolitas, caçando com estilingue. Por isso ficávamos doentes facilmente, por que havia pouca água e tínhamos que tomar banho todos juntos e na mesma água e se um tinha alguma doença transmitia para os outros.



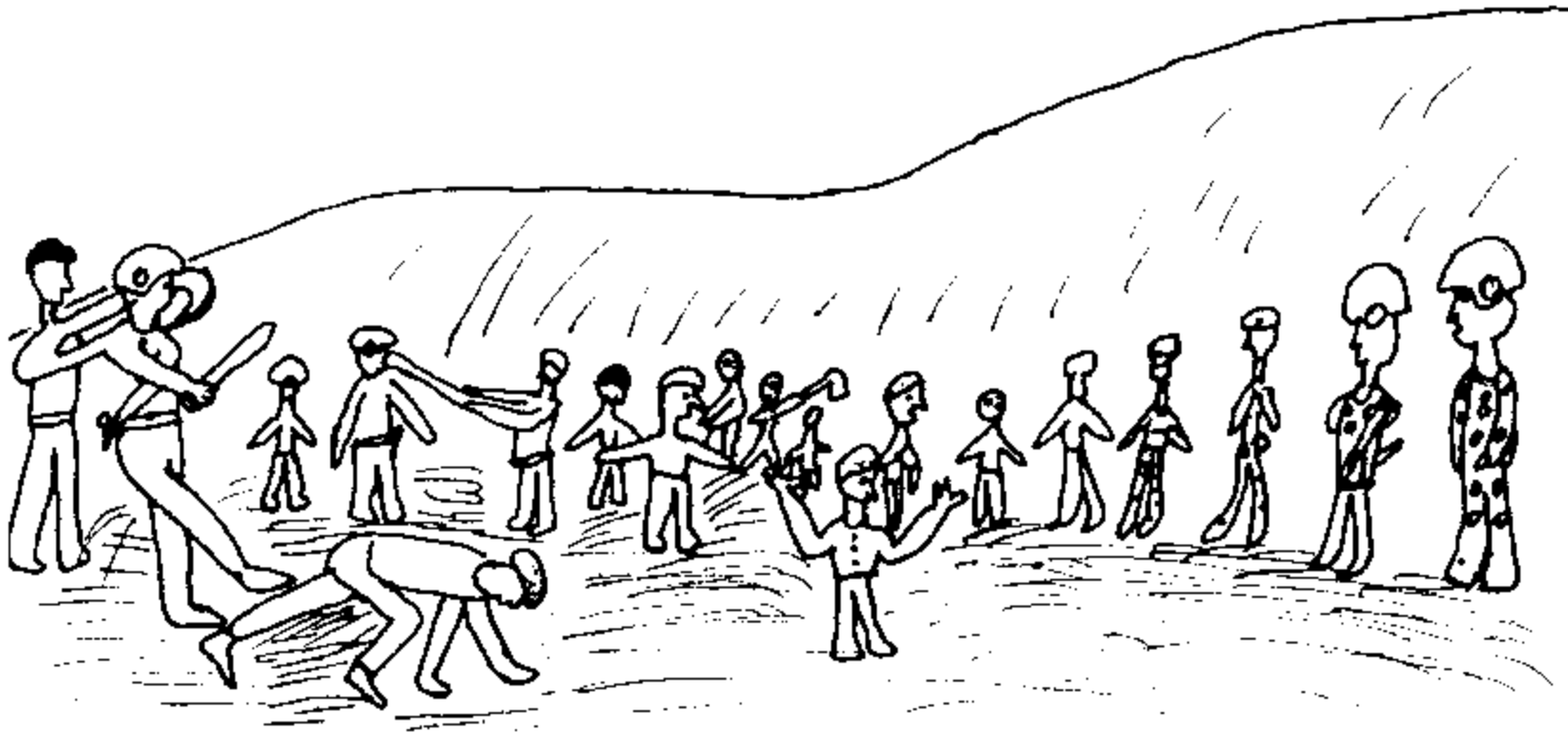
Após um mês do início do acampamento, um companheiro de luta morreu de infarte, por que as condições médicas eram muito precárias e difícil o acesso ao hospital. Essa morte fez com que as famílias sentissem a necessidade em não apenas conquistar a terra mas sim, exigirem melhores condições de vida.

Em assembléias foi decidido fazer um ato simbólico para que as terras fossem desapropriadas e este ato foi lavrar a terra da fazenda Annoni. A lavração da área foi como forma de pressão para que o governo desapropriasse novas áreas. O cheiro da terra fez com que sentíssemos a vontade de conquistar a terra e continuar a luta.

Para fazer uma pressão maior decidimos fazer uma caminhada da fazenda Anoni até Porto Alegre, a pé. A caminhada a Porto Alegre foi um ato público como pressão para que o governo assentasse as 2.000 famílias que estavam acampadas na fazenda Anoni.



Quando nós voltamos da caminhada foi decidido em assembléia, que nós iríamos ocupar as áreas que estavam na justiça em fase de desapropriação. Quando nós estávamos nos dirigindo para estas áreas a polícia atacou-nos e nos prendeu, algumas pessoas que estavam dentro do acampamento foram tentar libertá-los e começou a chamada "pauleira"; crianças deitavam na estrada para impedir os policiais de passarem para dentro do acampamento. Alguns de nossos pais e companheiros levaram pauladas, foram feridos com baionetas, levaram pontapés, socos,...



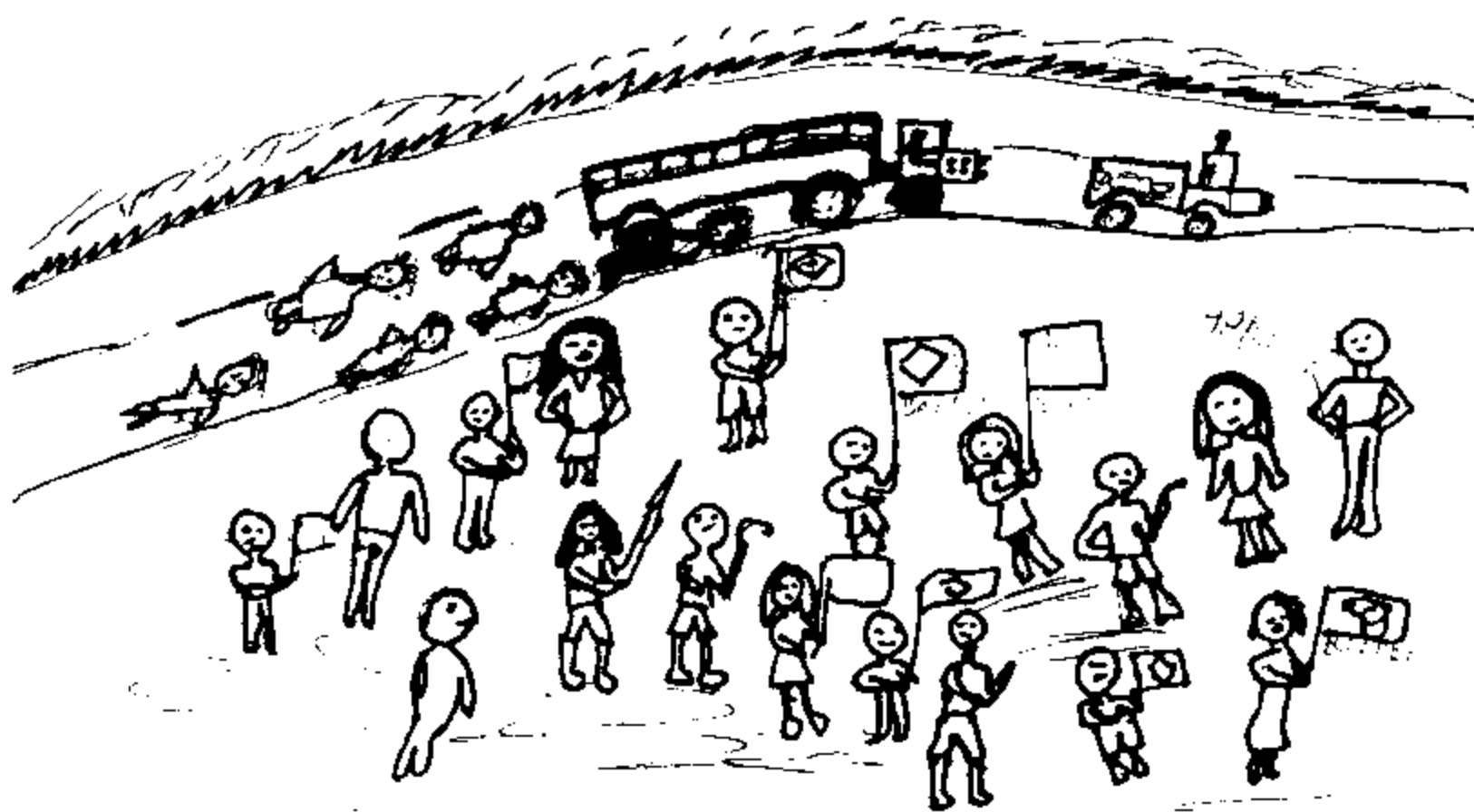
... Quando estava para começar uma guerra entre a polícia e nós Sem Terra as crianças foram e ofereceram flores aos policiais. As crianças ofereceram flores aos policiais como forma de demonstrar que a luta não era contra eles, mas sim contra os governantes que não queriam desapropriar as terras e também não davam condições melhores de vida. Alguns policiais choraram de emoção.



A secretária do INCRA chegou no acampamento com uma ordem judicial de desapropriação da área e aí cada um dos acampados teve direito a um hectare de terra para plantar o seu sustento... As áreas foram divididas na fazenda Annoni por que estavam todos juntos em um só lugar e se não fosse assim as

peças não teriam como sobreviver e tirar o sustento para a sua família. Isso que o governo fez, também foi uma tentativa de acomodação das famílias acampadas.

No dia 31 de março de 1987, foi assassinada na rodovia de Sarandi, atropelada por um caminhão, Roseli Nunes da Silva, que teve a primeira criança no acampamento (Marcos Tiarajú). Nós os Sem Terra estávamos lá prá dar apoio aos pequenos agricultores que estavam fazendo um protesto por causa da seca.



Haviam quatro fazendas que estavam na justiça em fase de desapropriação. Por isso resolvemos ocupar a São Juvenal, que era uma delas. Isso foi como forma de pressão para que as outras fazendas também fossem desapropriadas. Na ocupação da São Juvenal, que se localiza no município de Cruz Alta, houve confronto com os policiais e várias famílias ficaram presas no lado de fora da fazenda e junto ficou o caminhão da alimentação. Depois que ocupamos a fazenda ficamos cinco dias sem alimentos e foi através disso que eles conseguiram nos vencer.

Nessa época algumas divisões no acampamento porque algumas famílias não concordavam com a maneira que estavam sendo conduzidas as coisas no acampamento e resolveram se acomodar e esperar que o governo resolvesse seus problemas. Por isso demoraram muito mais para ganhar o seu pedaço de terra, por que não iam à luta.

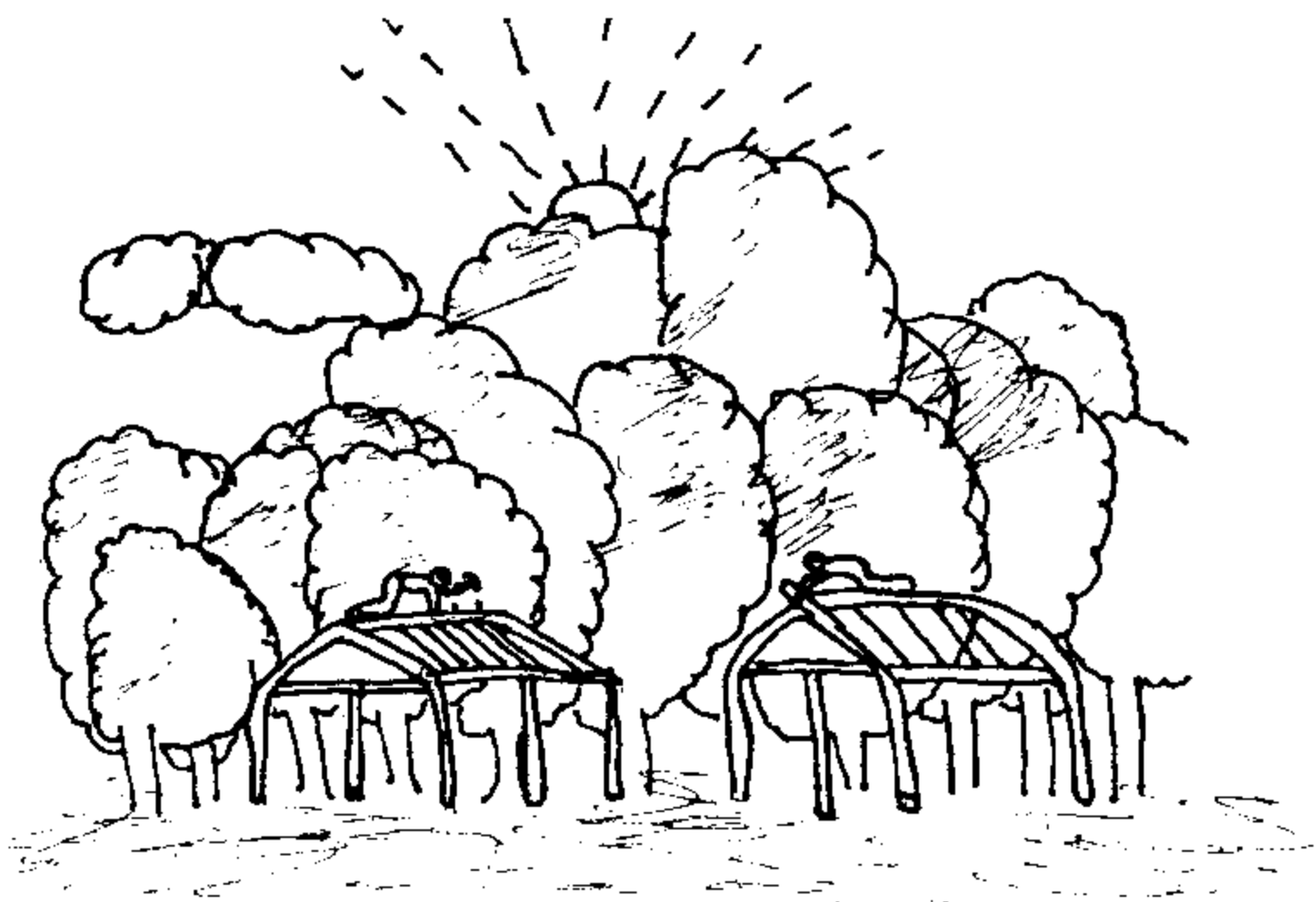
Das famílias que estavam acampadas na fazenda Annoni, cem famílias foram sorteadas para vir para a fazenda da Ramada. Passou-se um mês e o governo não liberou a área e aí nós viemos e acampamos na Invernadinha, uma área separada da sede, como forma de pressão. Aí alguns representantes do governo avisaram que a área da fazenda da Ramada só seria desapropriada se voltássemos para a Annoni. Isso aconteceu em fevereiro de 1989. Quando nós voltamos para a Annoni a Ramada foi desapropriada e no dia 15 de março de 1989 foi liberada em definitivo para o Assentamento.



A VIDA NO ASSENTAMENTO...

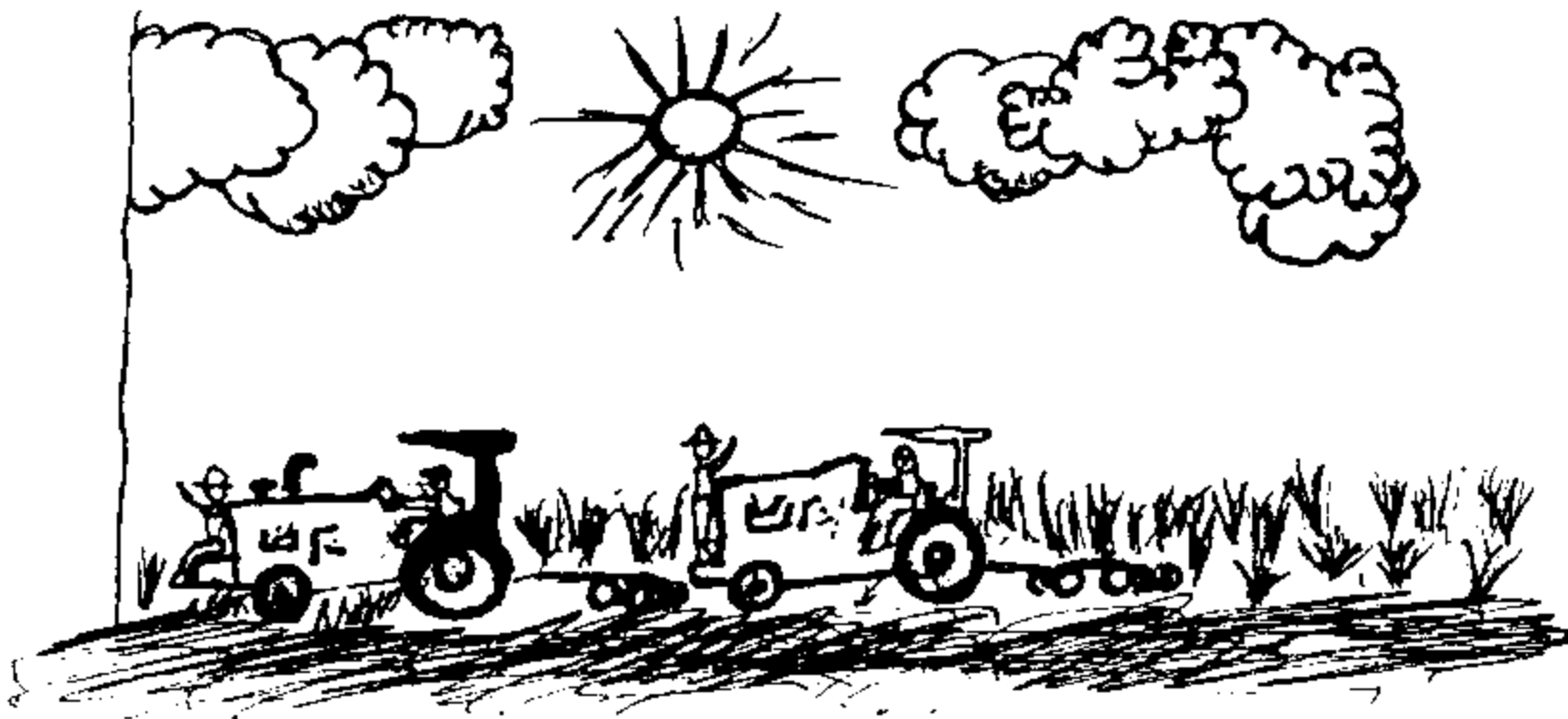
Depois de muita luta na fazenda Annoni conseguimos a terra prometida no município de Júlio de Castilhos, na fazenda da Ramada que foi liberada no dia 15 de março de 1989. as famílias que chegaram em março tiveram tempo de fazer seus barracos sem nenhum problema, já os que chegaram em junho não tiveram tempo de fazer os seus barracos porque a noite da chegada choveu muito. Havia muitas dificuldades na chegada; uma delas era a falta de água, o difícil acesso para lavar roupas, falta de alimentos...Os que chegaram em março tiveram que acampar na gleba 3 (Invernadinha), até que o proprietário da fazenda da Ramada conseguisse retirar seus bens da sede da fazenda.

Quando nós chegamos aqui tudo era campo, as terras eram fracas, pois, só havia capim. O dono da fazenda tinha algumas cabeças de gado.



Chegamos na Invernadinha no dia 15 de março e no dia 30 de março de 89 já havia aula, era debaixo das árvores.

Logo na chegada na fazenda da Ramada foi feito um ato público com os agricultores dos municípios vizinhos: a lavração de nossas terras, conquistadas com muito suor, luta e fé. Para nós isso foi emocionante, porque o cheiro da terra nos fazia bem e porque foram os outros agricultores que lavraram para nós.

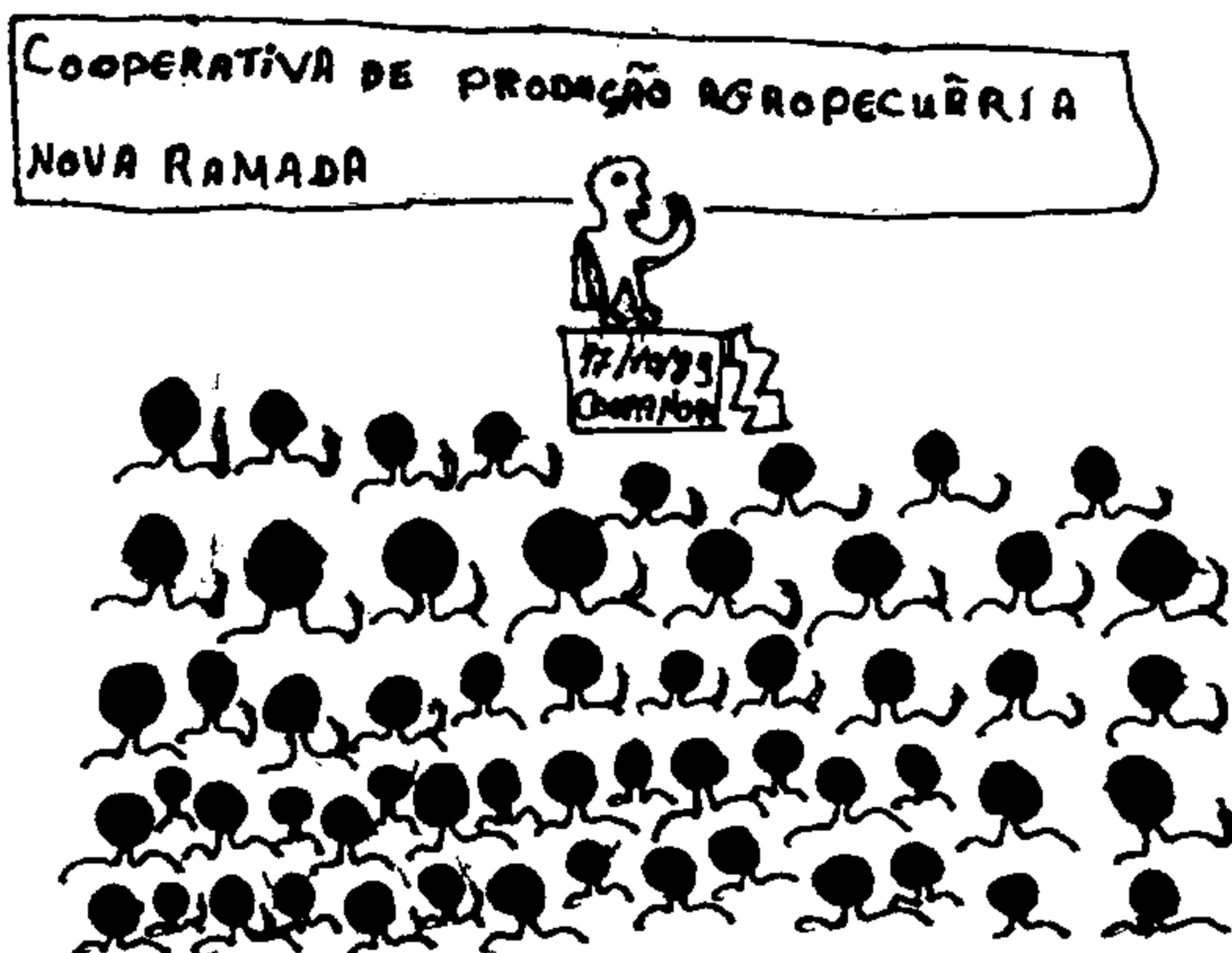


Nós continuávamos na luta e por isso comemoramos muito o dia do agricultor, a primeira festa que teve no assentamento, vieram pessoas das cidades, os agricultores vizinhos; todos que vieram trouxeram mudas de árvores frutíferas, ramas de mandioca, mudas de batata,...

Aqui no nosso assentamento aconteceu o primeiro laboratório experimental de campo, onde teve muitos cursos como de cabeleireiro, corte e costura, veterinária, administração... e tinha também cursos para a equipe de educação. Cada pessoa que participava dos cursos ganhava diploma. Deste laboratório participaram as cem famílias assentadas.

A equipe de educação formada por pessoas que cuidavam da biblioteca, da organização escolar, ajudavam os professores...

Este laboratório durou um mês, depois foi constituída a primeira cooperativa de Produção em assentamentos do Brasil, a COOPANOR (Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Ramada), com a participação de 72% dos assentados. Hoje apenas 8 famílias continuam na COOPANOR.



As nossas aulas na sede do Assentamento começaram na casa da sede. Lá era ruim porque era muito apertado. Nós estudamos seis meses na casa, depois nossos pais foram até a prefeitura pedir lona para fazer um barraco para ser escola. A lona era amarela e era ruim para nós alunos, por causa da visão; o nome da escola é: Escola Estadual de 1º Grau Incompleto 15 de março.

O lazer na época em que estávamos as 72 famílias na cooperativa era bom. Tinha baile todo sábado, jogávamos bola, vôlei, espiribol, nos divertíamos muito.

Como todas as pessoas moravam em barracos, a Cooperativa fez um acordo com uma madeireira, que fez um financiamento para que cada associado tivesse uma casa de madeira, boa para morar.

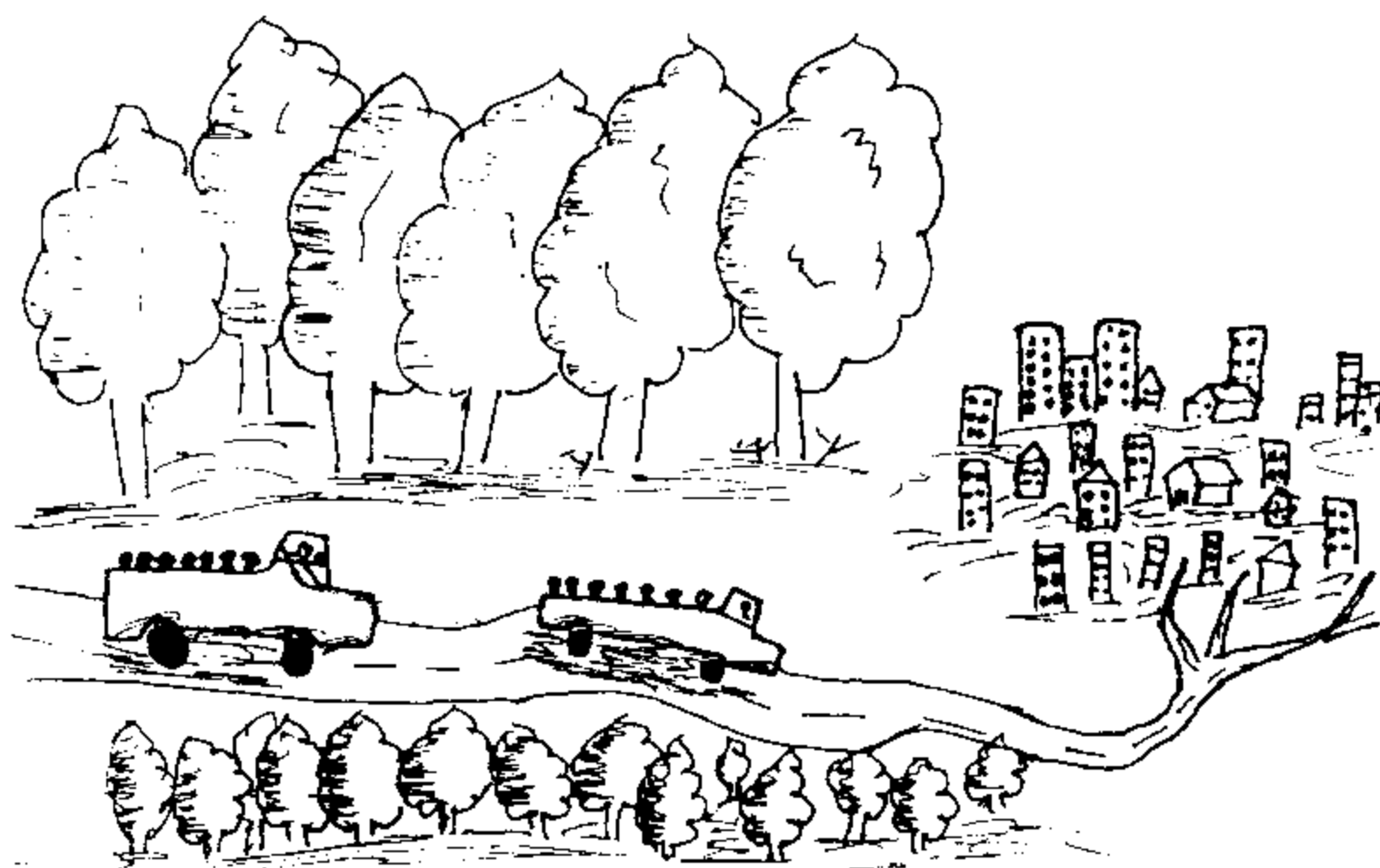


O primeiro aniversário do assentamento foi comemorado no dia 15 de março de 1990, por nós e outros assentados convidados, por entidades que nos apoiaram, presidentes de cooperativas... durante o dia participamos de várias atividades.

No ano de 91 nós, alunos de segunda a oitava séries do assentamento Nova Ramada, ficamos sem aula porque não tínhamos onde estudar. O governo não contratou os nossos professores e também não mandou professores de fora e em 91 a prefeitura, com um projeto feito por nós, começou a construir um colégio.

Como no ano de 91 nós ficamos sem aula e pelo que andava em 1992 iríamos ficar sem aula, decidimos ocupar a 8ª Delegacia de Educação em Santa Maria para que resolvessem os problemas. Fizemos pressões e marcamos uma audiência com o prefeito de Júlio de Castilhos, com o delegado de educação e representantes políticos e nessa audiência o prefeito contratou

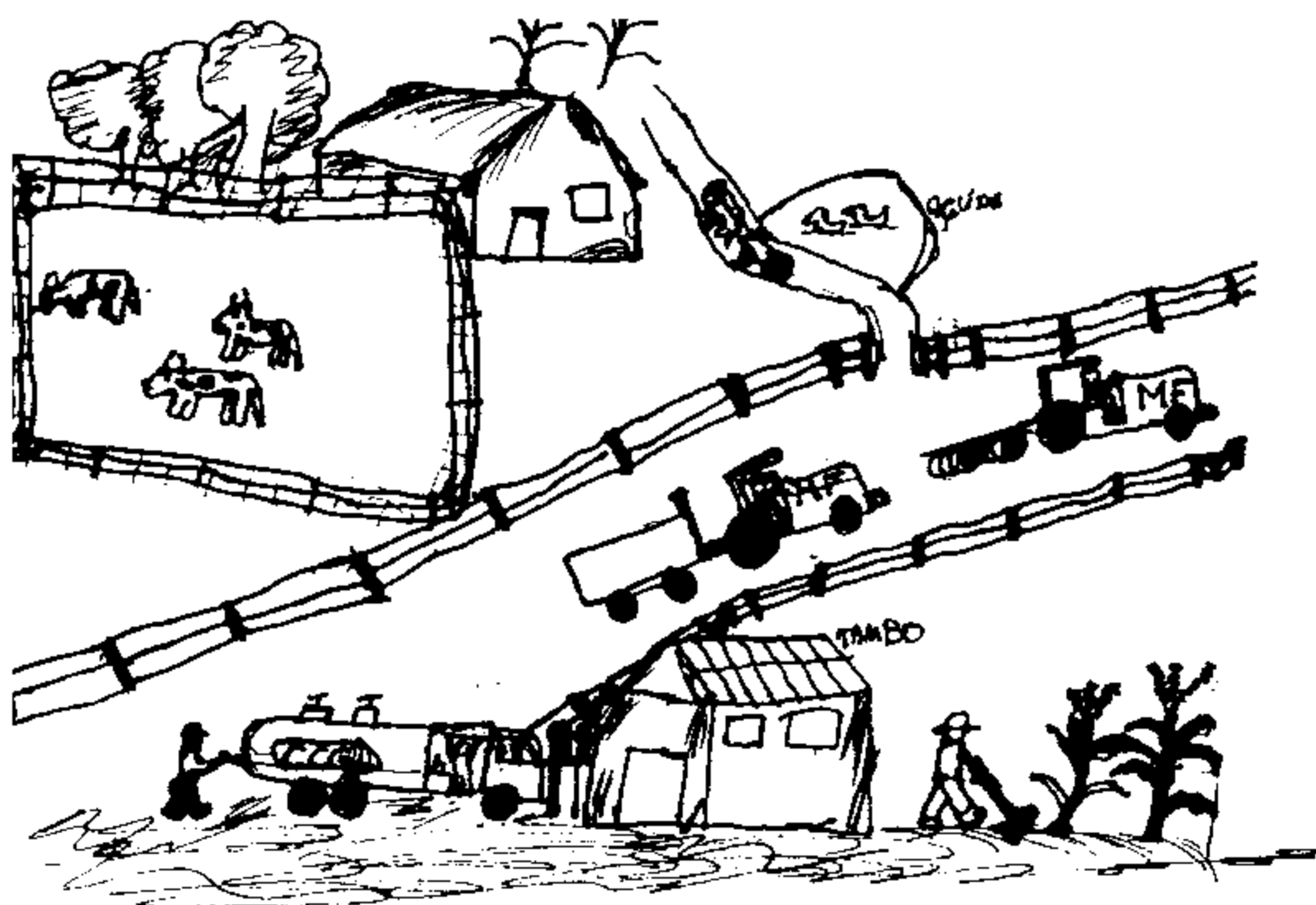
os professores do assentamento e também conseguimos uma verba para a construção do nosso colégio.



Em 1991 saíram mais 19 famílias da COOPANOR e que depois fundaram outra cooperativa, a COOPAGO. Do ano de 1992 para diante saíram mais 39 famílias da COOPANOR restando as 8 famílias que estão até hoje. Durante este tempo as famílias que haviam fundado a COOPAGO acharam melhor terminar com a Cooperativa e trabalhar individualmente.

Hoje o nosso Assentamento está dividido em três comunidades: A comunidade da Invernadinha que se chama Nossa Senhora dos Navegantes com 24 famílias assentadas; A comunidade da sede que se chama Nossa Senhora Conquistadora da Terra, com 36 famílias assentadas; e a comunidade do São João com 40 famílias assentadas.

O nível de vida dos assentados é bom, pois, todos tem o que comer, tem luz, água e maioria vende leite e no final do mês sempre dá para comprar o rancho e sobra dinheiro; a maioria tem televisão. Agora dá prá se dizer que temos uma vida digna.



Hoje aqui no assentamento a maioria das famílias trabalham individualmente “agora temos o nosso dinheirinho no mês certo” ele é contadinho, mas a gente vive muito bem. Aqui no nosso assentamento nós temos orgulho de nossa produção, produzimos: leite, mandioca, feijão, arroz, soja, milho, trigo e muitas outras coisas. Para mostrar isso temos um exemplo: De toda a produção de leite do município, 15% sai do assentamento Nova Ramada. Isso serve tanto para as famílias que trabalham individualmente como para os que trabalham na Cooperativa.

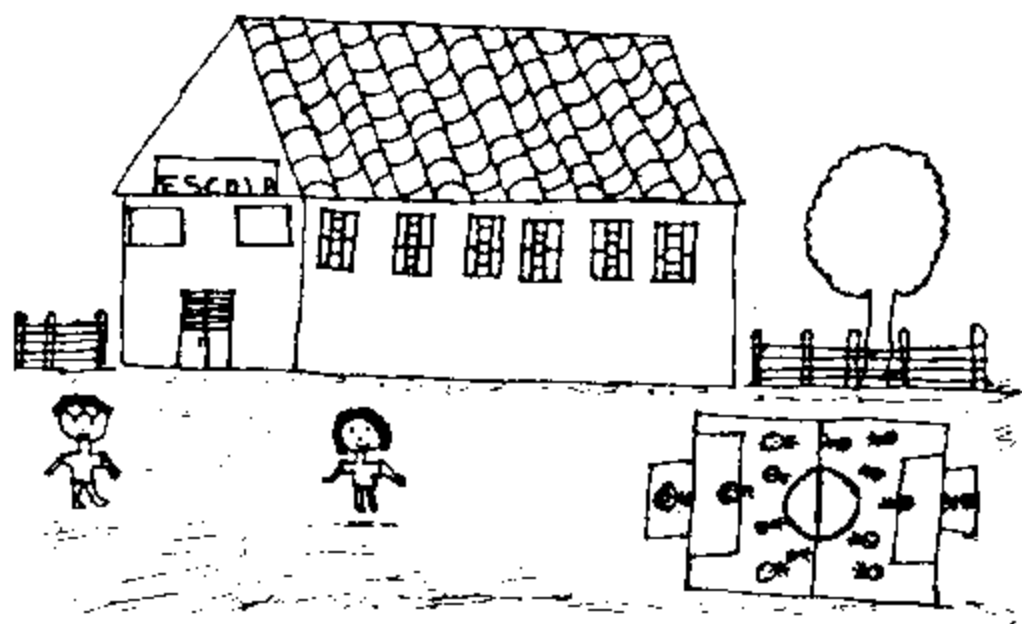
O lazer hoje está muito bom porque nós nos divertimos indo em jogos, baile... aqui no assentamento o grupo de jovens promove teatros, amistosos de futebol feminino e masculino. Aqui nós também vimos filmes, jogamos bola e fazemos até bailes. No assentamento pode até não ter com o que se divertir, mas nós sempre damos um jeitinho. O futebol feminino do nosso assentamento foi o primeiro a surgir no município de Júlio de Castilhos. O time de futebol masculino da sede do assentamento entrou no campeonato municipal de Júlio de Castilhos, como Sem

Terras sujas e marginais, mas no decorrer do tempo as pessoas foram vendo que os sem terras são pessoas. Com isso as pessoas do Assentamento foram se entrosando na comunidade do município. Nesse campeonato o time do assentamento ficou em 4º lugar, sendo assim um time bem valorizado.



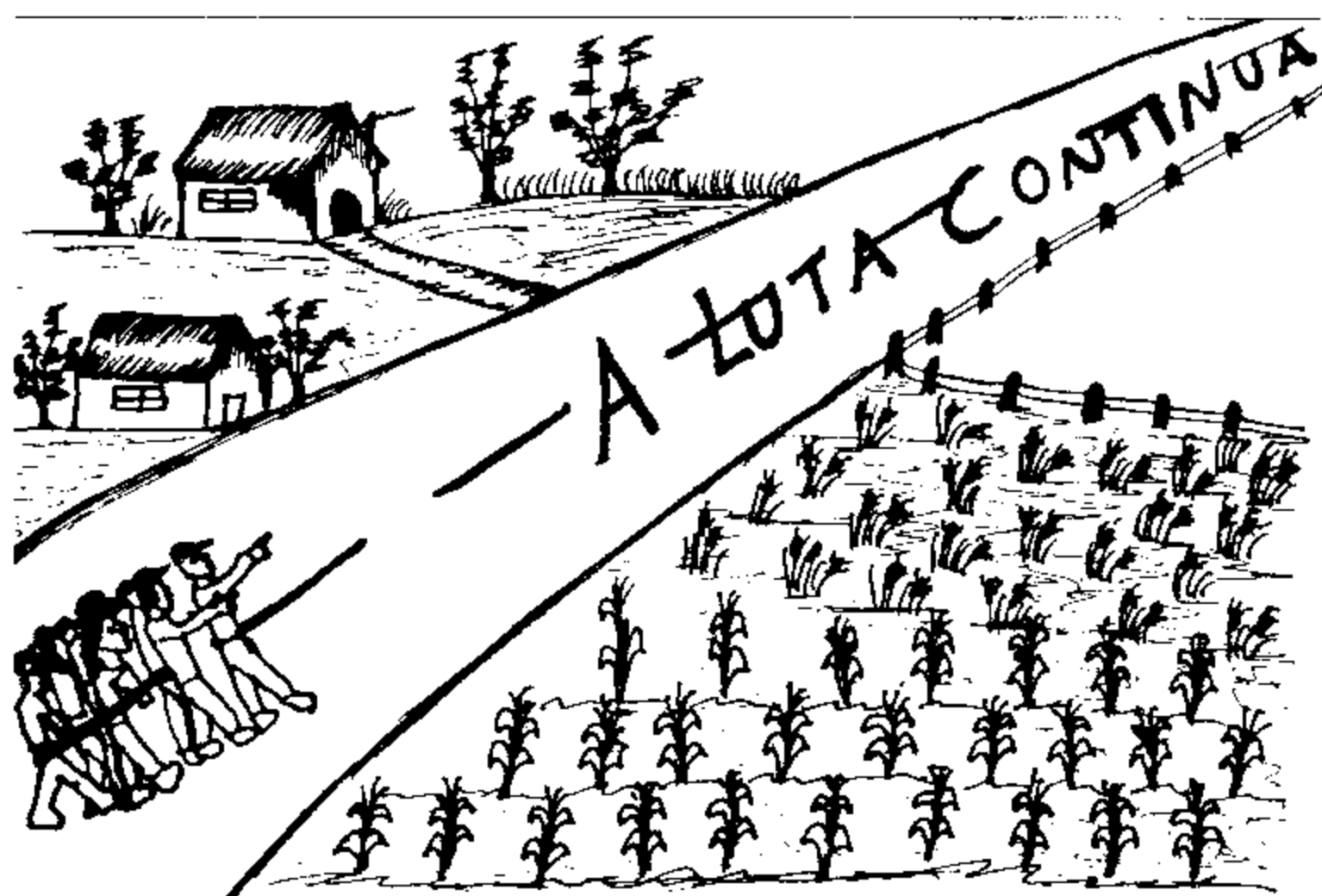
Hoje a educação no nosso assentamento é muito boa, graças a luta dos alunos juntamente com os pais e professores. Temos transporte escolar, feito por duas Kombis e um ônibus, temos duas escolas: Uma municipal de 1º a 4º série na comunidade do São João e a nossa que é Estadual de 1º a 6º série. O ônibus leva os alunos da 7º e 8º séries e 2º grau para estudar na cidade.

Na nossa escola 15 de março, os trabalhos de limpeza, na horta, pátio, mural e biblioteca são realizados pelos alunos distribuídos em equipes de trabalho, com coordenadores e realizamos assembléias para decidir o que fazer, assim trabalhamos a COOPERAÇÃO.



Uma data marcante para nós foi em 1996, nos dias 6, 7 e 8 de setembro, onde aconteceu a festa do MST aqui no nosso assentamento. A festa de 17 anos de luta pela terra no RS. Tivemos três dias de muita festa e também foi realizado o primeiro campeonato estadual de futebol de campo do MST. Tivemos também baile, jogos de todos os tipos, assistimos filmes, nos divertimos muito.

A relação entre nós e as pessoas da cidade melhorou muito, porque agora eles estão conhecendo o nosso verdadeiro jeito de viver e é por isso que nós estamos sendo mais respeitado.



“Quando alguém sabe para que serve tudo o que dá na terra, e sabe, o que os seres humanos já fizeram neste mundo, sente o desejo de fazer ainda mais do que já foi feito. Isso é a vida.”

José Martí

Produção: MST

Colaboradores:

a) ALUNOS

01 - Adriano Klein	26 - Zenilda da Silva	51 - João da Silva
02 - Alcione de Oliveira	27 - Cristiano Castel	52 - José da Silva
03 - Denise Borges	28 - Eliezer Alves	53 - Liliane Ochôa
04 - Elis Reolon	29 - Genésio da Rosa	54 - Liziane da Silva
05 - Geferson Nassif	30 - Jucelaine de Oliveira	55 - Márcio Martinelli
06 - Hosana de Almeida	31 - Kátia Lorenzet	56 - Mareci Texeira
07 - Jerri Rodrigues	32 - Maristela Antunes	57 - Pedro de Almeida
08 - Marilise Guth	33 - Rosinéia Rodrigues	58 - Queila Pedroso
09 - Oneide de Oliveira	34 - Tiago de Oliveira	59 - Renan Perônio
10 - Raquel Martins	35 - Viviane Oruoski	60 - Ana de Oliveira
11 - Rogério Biron	36 - Andréia da Rosa	61 - Cristiane da Silva
12 - Sabrina Rosa	37 - Diana de Oliveira	62 - Daiana dos Santos
13 - Tatiene Paulino	38 - Douglas Corrêa	63 - Deise Feltes
14 - Everton Correa	39 - Éderson Muller	64 - Elza da Rosa
15 - Elenise Corrêa	40 - Isaias de Almeida	65 - Esequiel Piovezan
16 - Ismael da Silva	41 - Marlo Celso	66 - Everton Garbin
17 - Jacó da Silva	42 - Odair Tomazi	67 - Gerson de Campos
18 - Lurdes da Silva	43 - Rosimara Piovezan	68 - Juliana Lorenzetti
19 - Francieli da Silva	44 - Silvana da Silva	69 - Luiz de Carvalho
20 - Janifer Corrêa	45 - Dionas Camargo	70 - Nelda da Rosa
21 - Joseane de Oliveira	46 - Alexandra Oruoski	71 - Sandra Martinelli
22 - Lediane da Silva	47 - Cirlei Barbosa	72 - Sandra da Silva
23 - Michele Delalibera	48 - Dráusio Brandão	73 - Sônia da Rosa
24 - Vera de Almeida	49 - Éder Rodrigues	74 - Teresinha de Souza
25 - Solange da Silva	50 - Gilson Maschke	

b) PAIS

Carlos de Almeida	Ires Maschke
Luis Tomazi	Lúcia Grabin
José Piovezan	Ildo Lorenzetti
Neide Panosso	Nadir de Souza
Vilson Lorenzetti	Dilma da Silva
Teresinha Cornelli	

c) PROFESSORES

Pedrinha dos Santos	Maria de Moura
Juarez Cornelli	João da Rosa
Elaine Schmidt	Rita Piovezan
Delma de Bortoli	

d) ASSESSOR

Marcos Genrke

Revisão Final: *Neiva Marisa Bihaiu e Elfi Fenske*
Desenhos: *Crianças do Asseitamento Nova Ramada*
Diagramação: *Rodrigo Britto Calovi*
Digitação: *Ires*
Impressão: *EVANGRAF*

Pedidos: *Secretaria Nacional*
Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900 São Paulo/ SP
Fone: (011) 864.8977
Fax: (011) 871.4612

SETOR DE EDUCAÇÃO

Travessa Francisco Leonardo Truda, 98
Ed. Brasília, 4º andar
900.10-050 – Porto Alegre - RS
Fone: (051) 221.6429
Fax: (051) 221.9022

Apoio: *AEC-RS*
Associação de Educação Católica

AGRADECEMOS:

**TODOS OS QUE ACREDITAM
QUE SOMOS CAPAZES!**

EDITORA

Evangraf

LTD.

Rua Waldomiro Schapke, 77 - POA - RS
Fone: (051) 336.2456 - Fax: 336.0422